

Deitam-se cedo e levantam-se ainda de noite. Agora é inverno. As noites são longas, mas lá fora, onde as folhas caíram dos ramos, penetra a luz filtrada pela neve. Uma gata procura as poças da luz do Sol. Era pequena quando o rapaz era pequeno, mas depois cresceu e passou-lhe à frente. Ainda assim, de noite, aninha-se na cama de Kiri com atitude de proprietária. Nasceram com um intervalo de semanas, mas agora ele tem sete anos e ela, quarenta e sete. O meu filho é o princípio, o meio e o fim. Quando era bebé, eu seguia-o pelo chão, gatinhando com ele pelo soalho, a gata enfiando-se entre as nossas pernas. *Olá, olá*, dizia o meu filho. *Olá, amiguinho. Tudo bem?* Ele avançava ruidosamente, um elefante, uma carruagem, um louco glorioso.

Anoitece agora, meados de fevereiro. Domingo.

A chuva gélida desta noite cristalizou os ramos. Moramos num segundo andar virado a oeste, subimos por uma escada em caracol, tinta branca lascada, a ferrugem invadindo as bordas. Vejo o meu filho pela janela. Kiri põe um disco, extraíndo-o habilmente da capa de cartão, usa os dedos com delicadeza. Sei que disco escolhe sempre. Sei como vê a agulha erguer-se e o braço mecânico mover-se para a posição correta. Conheço o exterior, mas não o interior, o modo como os pensamentos dele se formam, sempre inquietos, sempre diversos, nem como se desprendem uns dos outros, nem como encaixam tão inevitavelmente no devido lugar.

Kiri está no segundo ano. Tem o cabelo castanho-escuro do pai e olhos surpreendentes, belíssimos, da mesma cor dos meus. O nome

dele, em khmer, significa “montanha”. Quero subir as escadas a correr, meter a chave na porta, abrir a porta de casa para trás.

Quando o medo se torna mais forte do que esta necessidade — medo de que Kiri olhe pela janela e veja este carro conhecido, de que o meu filho me veja —, ligo a ignição, afasto-me do passeio e desço a rua vazia. Na minha cabeça, tinindo nos ouvidos, a música persiste, o corpo dele oscilando como um sino ao som da melodia. Lembro-me dele desamparado no chão, a olhar para mim, assustado. Tento encobrir esta recordação, prestar atenção às manchas de luz, ao piso gelado. A minha cama não está longe, mas uma parte de mim quer continuar a conduzir, sair da cidade, sempre em frente, pela autoestrada fora. Em vez disso, conduzo em círculos pelas ruas residenciais. Um lugar fica disponível em frente ao apartamento de Hiroji, onde tenho dormido nas últimas semanas; estaciono junto ao passeio.

Já é quase amanhã, digo a mim mesma. Amanhã verei o meu filho.

O vento cai de súbito sobre mim, soprando para longe o pouco calor que me resta. Só com dificuldade consigo fechar a porta e subir o mais depressa possível. Lá dentro, tiro as botas, mas continuo com o casaco e o cachecol, para me proteger do frio. A gata de Hiroji, *Taka, a Velha*, salta à minha frente pelo corredor comprido fora. No atendedor de chamadas, vejo a luz de mensagem a piscar; pressiono o botão quadrado com tanta força, que a máquina dá dois soluços antes de reagir.

A voz de Navin. — Vi o carro — diz o meu marido. — Janie? Estás aí? — Ele espera. Ao fundo, o meu filho chama. As vozes parecem ecoar. — Não, Kiri. Despacha-te, miúdo. Volta para a cama. — Ouço passos, uma porta fecha-se e depois Navin regressa. Diz que quer passar algumas semanas em Vancouver com Kiri, que o tempo e a distância poderão ajudar-nos. — Vamos ficar em casa da Lena — acrescenta. Vou acenando com a cabeça, concordando com tudo (a casa de Lena está livre desde a morte dela, no ano passado), mas uma dor surda percorre-me o corpo.

Há uma última mensagem. Ouço um clique na linha, depois, o som de teclas pressionadas, uma, duas, três vezes. A chamada cai.

•

O frigorífico está extraordinariamente vazio. Perscruto as entra-nhas luminosas, depois faço um inventário rápido: pão duro no congelador; no armário, duas latas de tomate, uma lata de mexilhões fumados e, maravilha, três garrafas de vinho. Pego no pão e nos mexilhões, sirvo um copo de vinho branco frisante, permanecendo junto ao balcão até a torradeira ejetar o meu jantar. Gourmet. Abro a tampa da lata e como os mexilhões um a um. O vinho combina bem com o pão. Acaba tudo demasiado depressa, mas a garrafa de vinho vai comigo para o sofá, onde ligo o rádio. A música vibra e dança pelo apartamento.

O vinho frisante deprime-me. Acabo a garrafa rapidamente, para me livrar dela.

— Só os corpos — disse-me Hiroji uma vez — sentem dor. — Estava no meu laboratório e tinha-me visto puxar o neurónio motor de uma aplísia. Corpos, mentes: para ele eram o mesmo, não se podia conceber uns sem os outros.

Dez e meia. É demasiado cedo para ir dormir, mas a escuridão faz-me sentir ansiosa. Penso em ligar a Meng, o meu amigo mais antigo, não falamos há mais de duas semanas, mas em Paris é a hora do lobo. Sentindo os braços e as pernas leves, deslizo precariamente pelas divisões. No outro extremo do apartamento, no pequeno escritório de Hiroji, as janelas estão abertas e as cortinas parecem agitar-se violentamente, com obstinação. A secretária explodiu, talvez na semana passada, quiçá antes, mas já todos os papéis e livros assentaram em posições mais equilibradas. Apesar disso, a secretária parece traiçoeira. Espalhadas aos montes, por cima, como um glaciér colonizando a superfície, estão as folhas em que tenho trabalhado. *Taka, a Velha*, passou por ali: o papel está enrugado e ainda ligeiramente quente.

Desde que Hiroji desapareceu, há já quase três meses, não tenho contacto com ele. Tento manter um registo do que me contou: as pessoas que tratou, os cientistas que conheceu. O registo preenche página após página — uma recordação de cada vez, um lugar, uma pista —, de modo que os lugares e os pensamentos não falem ao mesmo tempo, todos juntos, com um ruído ensurdecedor. Na secretária de Hiroji está uma velha fotografia dele com o irmão mais velho em destaque, uma floresta esmeralda atrás. Hiroji, ainda criança,

tem um grande sorriso. Estão descalços e Junichiro, ou James, tem a mão na anca, o queixo erguido desafiando a câmara. O rosto dele é fascinante e triste.

Às vezes este apartamento parece apinhado de entes queridos, estranhos, pessoas imaginadas. Não me acusam nem me pedem contas, porém não consigo separar-me deles. No início, temi o pior, o suicídio de Hiroji. Mas digo a mim mesma que nesse caso teria deixado uma mensagem ou outra coisa. Hiroji sabia como é continuar a viver depois de alguém ter desaparecido, uma vida sem fim. Os desaparecidos ganham tanto peso enquanto nós vamos ficando tão vazios, que mesmo a noite mais fria de inverno é incapaz de os devorar. Lembro-me de flutuar, uma criança no mar, sozinha no golfo da Tailândia. O meu irmão desapareceu, mas olho para o céu branco e acredito que consigo convocá-lo de algum modo. Se for realmente corajosa ou realmente sincera. Países, cidades, famílias. Nada tem de desaparecer. À secretária de Hiroji, trabalho depressa. Tenho a voz do meu filho dentro da cabeça, mas deixei de ser capaz de o proteger. Sei que, independentemente do que diga ou faça, os meus atos não têm perdão. As minhas próprias mãos parecem troçar de mim, dizem-me que quanto mais fugir, maior será a distância a percorrer para regressar. Nunca devias ter saído do reservatório, devias ter ficado nas grutas. Olha em redor, acabámos no mesmo lugar, não é? As luzes dos edifícios em frente apagam-se, contudo as palavras continuam a chegar, acumulando-se como neve, como poeira, uma película frágil que se desvanece tão facilmente.

Domingo, 19 de fevereiro

[fragmento]

Elie tinha cinquenta e oito anos quando começou a perder a linguagem. Contou a Hiroji que o primeiro episódio ocorreu na Igreja de St. Michael, em Montreal — não conseguira recordar as palavras do pai-nosso, uma oração que aprendera quase logo que começara a falar. Por um breve momento, enquanto os outros rezavam, o próprio conceito de linguagem diminuiu dentro dela. Em vez disso, as vestes verdes do padre pareceram-lhe extremamente complicadas, os casa-

cos de inverno dos fiéis transfiguraram-se em colagens, numa obra pontilhista, num Seurat: precisão, definição e uma beleza dilacerante, dilacerante. O pai-nosso afetou-a do mesmo modo físico que o vento, uma sensação de som, mas não de sentido. Ela sentiu-se sublimada e só, perto de Deus e ao mesmo tempo excluída.

Depois o momento passou. Elie regressou e as palavras também. Uma leve alucinação, pensou ela. *Champanhe no cérebro*.

Regressou a casa e retomou a rotina. Fechou as portas de vidro do estúdio, ergueu o trinco das janelas, levantou-as e começou a pintar. Como era inverno, usava casaco sobre duas camisas e calças de fato de treino caneladas, meias grossas, chinelos chineses e um gorro de lã. Dez anos antes, trabalhara como engenheira biomecânica, investigando o controlo motor e dando aulas na Universidade McGill, mas abandonara essa vida aos quarenta e seis anos. A experiência passara a desenrolar-se num diapasão e num tom diferentes, era mais fluida, mais transitória, rodeava-a como um mar agressivo sob luz quebrada. Fechando os olhos, via como os cantos de elementos improváveis se tocavam — um pássaro, uma pessoa e um lápis caindo da mesa de uma criança — e entrelaçavam, transformando-se na mesma substância. Mesmo as pessoas que lhe eram mais queridas pareciam diferentes, mais densas e sólidas, como composições, repetições na sua cabeça. A pintura era tudo. Pintava até deixar de sentir os braços, dez, doze horas seguidas, todos os dias, e mesmo assim não era suficiente. Comentou com o marido, Gregor, que era como se estivesse no auge, na hora em que todas as forças convergem. Gregor, um chefe de cozinha, habituou-se a adormecer embalado pelos ritmos de Debussy, Ravel e Fauré, a banda sonora preferida de Elie. O marido habituou-se ao cheiro da tinta de óleo na pele dela, ao modo como recorria aos gestos em vez de usar palavras, à maneira como observava o mundo com uma paixão e integridade novas.

— Consigo ver — ouviu-a dizer um dia. — Olha para o que consigo ver.

— Pensei — confessou Elie a Hiroji, já o tratamento durava há muitos anos — que o meu passado tinha sido todo uma fantasia. Só o presente era real.

O champanhe no cérebro regressou mais vezes, rasurando os nomes das outras pessoas, letras de canções, nomes de ruas, títulos de